

Artimanha da arte minha

Ronaldo Aparecido Silva

Ronaldo Aparecido Silva

Artimanha da arte minha.

1ª edição

Juiz de Fora/Minas Gerais

Edição do Autor

2017

À pergunta habitual: "Por que é que escreve?", a resposta do poeta será sempre a mais curta: "Para viver melhor."

Saint-John Perse.

A poesia tem comunicação secreta com o sofrimento do homem.

Pablo Neruda.

A poesia não quer adeptos, quer amantes.

Frederico Lorca.

Apresentação.

O vocábulo “artimanha” significa ardil, meios de enganar alguém, mas também significa estratagema. Aqui eu o uso como estratégia, as noites em claro e de solidão, quando às vezes sinto ser intuição, outras inspiração, o que passo de imediato a escrever, mas não é minha pretensão exaurir a interpretação do vocábulo, o contexto e o leitor o farão, mesmo porque por várias oportunidades eu me reporto à dualidade da vida

Aqui coloco os meus pensamentos, envio minhas mensagens de plurais temas, poesias, prosas e orações. Aqui me é a catarse necessária para a vida continuar. Aqui apresento o meu entendimento de mundo e principalmente de pessoas e suas almas que nas ações se revelam e vou catando e descrevendo pedacinhos de um todo maravilhoso e misterioso que somos todos nós. Assim, muitos se identificam em algumas frações dessas, outras se identificam totalmente, outras nem tanto, mas o importante é sabermos que nada ocorre por acaso, mesmo o menos insignificante texto foi escrito para alguém. São mistos de sentimentos e emoções, um sibilar de palavras que juntas exprimem uma verdade ou pelo menos houve a tentativa de encontrá-la.

Não há a pretensão de convencer ninguém, aliás, são nas controvérsias que se chega a uma verdade menos recheada de erros. Entendo a vida na dualidade, o sim e o não, o bem e o mal, e um infinito número de maneiras de se navegar entre esses extremos. Isso faz a vida bonita, nisso debruçam os poetas.

O autor.

ARTIMANHA DA ARTE MINHA.

Surge a longa noite e, com ela, a insônia
Inseparável, insana mãe da criação,
Quando guerreiam pensamentos antagônicos,
Quase emergindo a pretendida perfeição.

Ah, essas batalhas...
Eu sou um campo de batalhas,
Estou exposto às metralhas...
Batalhas noturnas, intrínsecas que abatem intentos,
Sonhos, desejos, reis despreparados.

Despreparados reis afundam esquadras
E o mar não é doce, é realmente salgado.
No fundo, no fundo eu sei.
São estrondos que amedrontam atalaias,
Estratégias que anulam as tocaias
E que dizem vaidosas pretensões.
Batalhas noturnas, internas, sem o lume das lanternas,
Indiferentes às escuridões.

Rajadas de imaginações se perdem,
Trocas de tiros de ilusões,
Embates que abatem reis
Revelando que nem eles são reais.

Ah, essas batalhas...
Fazem-me sentir um campo de concentração,
Até que um dia eu passe a documentá-las
Sob formas de poemas ou canção.

Ah, essas batalhas...
Que travem sem tréguas, que travem sem cruces,
Sem covas, sem fim.
Essa paz indesejada, sem desperdício sangüíneo,
Extremado raciocínio que se manifesta em mim.

Ah, essas batalhas necessárias, hilárias, irônicas, satíricas,
Dramáticas, nuas e cruas, camufladas pela imaginação...
E se defrontam a fantasia, a realidade, a heresia,

Ora a crença, ora a razão.

Ah, essas batalhas...

Que se enfrontam na magia das palavras bem mais livres que escravas:

Às vezes tudo, às vezes nada, às vezes parte...

Formatadas ou perdidas sem um norte, ausente a morte, certamente serão arte.

Ah, essas batalhas de derrotas e vitórias,

Frustração, destruição, inspiração, clímax, apogeu,

Mesmo sendo o seu palco a insana insônia,

Lá no meu íntimo, seu vencedor sou eu!

Ah, essas batalhas...

Que travem sem tréguas

Rumo à arte, rumo à arte!

Frentes frias.

Jornais publicam e banalizam desgraças,
A economia exhibe seus gráficos inócuos,
Vazios, como o estômago de quem os vê e ronca.
O horário é nobre e, por isso mesmo, é violentamente assaltado
Pelas notícias pobres e famintas de solução.

Homens crescem em berços embalados pela desesperança,
Amamentados pelo seio amargo da contenda,
Da disputa pela sobrevivência.
O câncer esparge-se e leva-nos a indagar:
Com qual deles definharemos?

Mãe, as estações misturam-se
E os matutas, com suas sabedorias natas, erram,
Porém, são ainda melhores que a meteorologia:
“- São frias as frentes além das frentes frias...”
Nações se digladiam e denominam “Santas” as suas guerras
E espera-se a todo momento um ferimento de tiro vindo da TV...

Mãe, não há mais como ser “dotô”,
O desemprego valoriza as mais humildes profissões
E, não raramente, a mais antiga delas...

A juventude, inconscientemente, aética, busca espaços,
Escassos, impróprios à bela fase da vida
E jovens drogam-se perante a cobrança de uma sociedade mesquinha,
Senhora de conceitos asfixiantes
E escrava de suas inseqüências.

O futuro, definitivamente, não é mais o conhecimento
E sim a aventura, o jogo,
Uma aposta, onde passa-se a vida perdendo
E, quando se ganha, a vida já passou.

Gaiatos revezam-se no governo com suas siglas:
Meros jogos de “letrinhas”...
Resta-me a “mea culpa” por protagonizar tão absurdos cenários!

Mãe, é como se fosse aquele trem fantasma,
Onde quando criança chorava-se, ria-se atônito e impotente diante dos
monstros
E quando se chegava ao fim fingia-se domínio,

Ocultando-se o medo, o desespero, a ansiedade ante os amiguinhos “durões”.
Mas, em que pese as frias frentes e as frentes frias,
O sol, como pus de um corte de faca enferrujada e cega,
Expor-se-á anunciando a cicatrização
E quando ele se pôr, as cicatrizes amenizarão a dor de nossas consciências...
E os travesseiros amanhecerão em seus lugares...
E as fronhas não tão amassadas...

A arte de viver.

A vida é bela quando se acendem as ilusões
E as luzes da ribalta anunciam
Mais uma lúdica e intensa atuação.
Fulgem os mais puros sentimentos,
Vertem-se as lágrimas contidas,
Emergem os sofridos momentos,
Fragmentos descolados de uma vida
Que se encontram nesse instante de emoção.

A arte imita fielmente a vida,
Bem representada torna iminente o epílogo,
Um tempo psicologicamente curto, porém, justo!
O clímax anuncia liricamente o final,
É quando se suplica freneticamente mais luz.
E o artista em delírio ignora o bastante,
Implora dramaticamente um último ato,
Um último abrir de cortina... Um último frenesi,
Sem atinar que cenicamente blasfema,
Na desvairada pretensão de ser Deus...
Então as cortinas se emperram
E humildemente conforma-se com a divina semelhança.

As luzes vão se apagando e focarão somente as lembranças
De quem personificou beleza, liberdade e pureza, prazer e amor.
Provocou risos, prantos, encantos e sonhos.
A vida só valeu a pena quando se leva como recompensa o aplauso
E a certeza de que por instantes tornou o mundo melhor.
Só de instantes vive o homem. A eternidade é consequência
E dádiva divina aos éticos no expressar.

Apagam-se as luzes
Mas não as mentes sensíveis de um público expectador agradecido,
Por momentos de êxtase que gelidamente a vida lhe nega,
E comumente pelos próprios temores.

A vida é bela,
Quando dela se sabe sair,
Curvando-se aos efusivos aplausos,
Direcionando-os ao mais digno Cenógrafo.

Viva o teatro!
Viva-o tão intensamente que mesmo nos bastidores

Ou no íntimo de teu camarim,
Ao deparares com a derradeira ribalta,
Querubins e Arcanjos uníssonos te louvem
Com brados definitivos e confortantes de: Bravo!
Bravo, homem!

A chance nossa de cada dia.

E o homem se faz de forte, urra e excede,
Forja seu território com repulsas e com o odor fétido de sua intransigência,
Fecha-se em seu mundo selvagem à espreita de seu próximo.

Com jubas, garras e presas se lança à batalha pelo sucesso.

Produto genuíno de uma selva inóspita,
Onde a caça, mesmo que farta, não é dividida
E só admite a sobra, para os da sua linhagem ou estirpe.

Cai a noite...

Revezam-se silêncio e sons medonhos...

É quando ele se deita em sua jaula solitária e raciocina...

É quando tem tempo para seus medos e insegurança,

É quando com sua carcaça fadigada e vulnerável,

Teme ser devorado pelos insetos.

Então, aos poucos, assume a posição fetal,

Arremete-se ao aconchego de sua concepção,

Do seu período pré-natal, quando por alguns meses submeteu-se a outrem.

Flutua em seus pensamentos

Como se o líquido amniótico fosse.

E sob o calor dos cobertores,

Clama, inconscientemente, pela proteção das seguras entranhas maternas,

Num misto de covardia e carência de quem mal arrumou a própria cama,

De quem mal preparou seu próprio habitat.

É uma paz deveras inquieta...

E rompe a impiedosa e fria aurora...

E o despertador são contrações anunciando a chegada da “boa hora”

E a responsabilidade, como fórceps, arranca-lhe para os braços da vida

Que mesmo com tantos e violentos tapas,

Não lhe permite um segundo choro...

Viver.

Viver é flutuar entre as forças que a natureza concebe,
É dançar em todos os ritmos, ouvir todas as músicas,
Ver beleza na vida, acreditar no homem,
Ver luz em todos os seres, cantar em qualquer tom.

Viver é agradecer tudo o que vem de Deus...

É sobrevoar o firmamento tendo os pés no chão,
Arrepende-se, pedir perdão,
É não querer o mal, é ter realza, sem sentir-se totalmente real.

Viver é sorrir como que se tudo dependesse do seu sorriso,
Amar indiscriminadamente,
Entregar-se a caminhos perfeitos ou não,
Sacudir poeira, dar volta por cima ou por baixo,
Mas seguir em frente! Viver é entender que somos protagonistas de uma missão,

É reconhecer que ao morrer, renascemos - e que nossos atos e palavras não perecerão.

Viver é perceber que o mal não lhe afeta, desde que você não queira...

Viver é receber a bola “quadrada”, dominá-la no peito e colocá-la no chão.
É ir mais além – devolvê-la magistralmente, como se fosse de algodão.

Viver é descobrir-se um vetor de bem-querer, otimismo, de amor, de justiça,
É ignorar maldades, inocentar agressões.

Viver é isso aí!!!

Viver não é difícil, difícil é crer na morte como extremidade,
Difícil mesmo é reservar um lugarzinho ao lado direito de Deus Pai,
Ser poupado da lamúria de ser joio no catar do trigo.
Mais difícil ainda é, se viver bem, deixarem-lhe ir...

Viver é perseverar-se e preparar-se para viver de novo.

Limite de Zeus.

Filhos de Dédalos!
Não lhes prometo apagar o sol,
Mas fornecer-lhes cera o suficiente.

Ceras derretem...
No entanto ser-lhes-ão o bastante,
A sustentar-lhes emplumados
Até à liberdade.

Sigam os pássaros! E não mais...
Pousem...
Seus sonhos não têm que ser tão breves!

Ícaros! Ouçam-me! Sejam sensatos!
Mesmo que por sete vezes
Eu ofuscasse o sol,
Restar-lhes-iam os visgos e gaiolas...
Ainda que por outras sete mil,
Eu os libertasse,
Desafiariam os bодоques...
E se por fim eu lhes desse o dom de Fênix,
O ameaçado, certamente, seria eu.

Dou-lhes todas as asas e virtudes,
Mas não me peçam que eternize os seus dons
Pois nem eu, o maior dos deuses, soube fazê-lo aos meus númenes

SIMPLESMENTE FLORES.

Indiferentes, mas não diferentes.
Adaptadas aos espinhos do ofício
Escolhem o vermelho-paixão que inebriam,
Para as irresistíveis pétalas que vestem
E como flores, não falam... fingem!
Exalam finos perfumes, tão eficientemente,
Que os abstinentes e sedentos,
Extáticos se deleitam e se deixam levar...
E se lambuzam como crianças...

Rusticamente, afloram nos jardins públicos,
Onde florescem e são defloradas.

Daí é um eterno despir...
Expostas ao bem-me-quer-mal-me-quer
Dos peões, infratores, bêbados e patrões
E comumente ao mal-me-quer das esposas incautas,
Espalham seus aromas de cio,
Até que lhas atirem a primeira pedra.

Contam que são as mais antigas,
Odiadas, malditas... Mas necessárias.

Avivam as noites, as praças, becos e muros.
Aveças aos altares e lares evitam o beijo,
Pois temem se envolverem
E serem traídas pelas peripécias do próprio ardil.

Adeptas ao mato, alheias aos carrapatos cumprem suas sinas:
Encantam, iludem, saciam, vendem-se e, portanto pecam.
Poupadas pelo fato de que todos erram,
Quando colhidas formam buquês e arranjos e agrados
E, inevitavelmente, pelo menos uma vez na vida,
Por todos foram cheiradas.

Que arranque a primeira pétala o desprovido de olfato...

Surreal.

Essa rua que intriga,
Ladeada de estranheza
Um poeta ela abriga,
Que lhe tece em sutilezas.

De repente é avenida,
De repente é um beco,
De repente um mar de vida,
De repente um poço seco.

Nessa rua não se passa
É como o visgo a reter
Quem com ele se engraça,
Com um olho que não vê.

Sem vitrines, sem esquinas,
Sem passantes, sem calçadas,
Sem biquínis, sem meninas,
Sem berrantes, sem boiada.

Essa rua surreal
Que não tem aonde chegar
É uma escada sem degraus
Sem um chão prá se pisar.

Nessa rua inexplicável
Todos passam sem tropeço,
Não há nada tropeçável,
Tudo é certo e ao avesso.

De tão reta é profana,
Nem possui encruzilhada,
De tão longa desengana
Quem não tem longa passada.

Desprovida de encanto
Do ocaso, da aurora,
De um pássaro, de um canto,
Só meu sonho lhe decora.

Essa rua tão imensa
Que nos mapas se esconde
É vulnerável e propensa
Às venturas que lhe sondem.

Que dizer mais dessa rua
Que se perde nos critérios,
Essa rua às vezes nua
De segredos e mistérios?

Essa rua delirante
Que o absurdo abriga
É deveras fascinante
Quem quiser nela prossiga.

Mas essa rua surge e some,
Como a fenda da ferida,
Essa rua tem um nome,
Essa rua é minha vida!

TEMPESTUOSA PAIXÃO.

Ages em mim qual enxurrada de uma tempestade de verão,
Obstruis meu coração através de veias enlameadas de amargura,
Coagulas meu sangue com entulhos e lixos de sentimentos,
Num turbilhão de destruição, que não proporciona vazão à alegria.

Trovoadas de arrogância e relâmpagos de insensatez te anunciam,
Envolvendo-me em nuvens negras e carregadas de medo e insegurança.

Ao precipitares sobre mim, inunda-me de desamor e pânico,
Obrigando-me a decretar estado de calamidade
E rogar aos céus para que não venhas no próximo verão,
Enquanto eu providencio o socorro e abrigo,
Para uma alma arrasada e destruída pela própria estupidez.

Quisera eu prever a chegada desta frente fria
Que traz consigo tão arrebatadora paixão!

E não há lucidez que ature, bonança que perdure
Ou loucura que te supere
E nem mandingas que de mim te afaste...
E eu já fiz de tudo: coreografei ao avesso a dança da chuva
E até sal no fogo joguei...

Deságua-te em mim com teus raios, trovões e repentinos escurecer
Pois, enquanto eu for capaz de desviar-me das poças de ceticismo,
Estarei pronto para novas recaídas e verões.
Muitos guarda-chuvas ainda terei que abrir,
Até entender que para suportar-te terei que deixar meu destino à mercê
De teus trucidadores vendavais.

Transcender.

Havia tantos sonhos em nossos dias, a inocência esvanecia,
A juventude flamejava.
Havia nas canções mais poesia, no dançar mais energia
E no tempo quem pensava?
Havia uma pressa de viver, de acordar, de amanhecer
Que a razão não explicava.

Havia um amor que excedia, que no mundo não cabia
E em nosso quarto transbordava.
Havia tanta urgência em nossos planos, tanta ânsia que os anos
Esvaíam à revelia!

Como é breve a juventude!... Envelhecemos... Quem diria?
Ontem mesmo te olhei, te conheci, me enamorei,
Ontem mesmo o amor nascia...

Hoje, o mesmo amor é mais sereno,
De quererem mais amenos e o tempo é devagar,
De viver os dois momentos:
Um de dar mais tempo ao tempo,
O outro, um tempo ao pensamento,
Para outros tempos ir buscar.

Como é sábio o amor de Deus!...

A NAU DOS ETERNOS.

Acredito que o homem ainda embarcará numa nau
Que o leve às calmarias do sensato,
Dentre tantas ancoradas no cais das ilusões:
Velozes, fascinantes, sedutoras, disponíveis e perdidas.
À escolhida restarão os escolhidos
E será movida pela brisa da lucidez
De encontro às velas da paciência.
Partirá numa velocidade constante, de meditações
Ou de cozimento de cérebros inóspitos, arredios.
Oxalá seja uma viagem tranqüila para o homem,
Mesmo que as marolas se tornem monstruosas ondas,
Ondas que sacolejam a embarcação, que causam enjôo,
Mas que motivem essa odisséia humana.
Tomara que o homem, à mercê do mar revolto,
Reconheça sua pequenez.
Oxalá, reconheça a tripulação, seu Timoneiro como único
E Nele deposite toda a fé,
E se deixe conduzir para o cais da temperança.
Que a tripulação não se perca com as tribulações,
Não se contagie com a vaidade,
Não se disperse,
Não se confronte,
Não se digladiie,
Pois nada, a não ser a água salmoura,
Seus famintos habitantes e precipícios
Rodeiam a nau da existência.
São séculos e séculos de navegação
Em busca do ouro, de especiarias e dogmas
E nunca em busca de si mesmo.
Tomara que a cada amanhecer
Os navegantes agradeçam.
O próximo cais a ser atracado é o da humanização do homem
E não das gaivotas e corvos de estimação, ou da própria nau.
Piratas, tormentas, monstros mitológicos e náuseas serão vencidos
Pela sensatez, serenidade, sabedoria e obediência a um único Senhor.
Tomara que nas infindas noites, em alto mar,
Mesmo encoberto por névoas glaciais,
O éter estrelado oriente as gerações sucessivas
E que cada tripulante da próspera nau
Descubra que como o sol,
Cada um tem seu brilho próprio.
Oxalá! Tomara! Amém...!

Aos tubarões das eras não importa a cor do seu sangue...
Aos precipícios abissais são irrelevantes seu peso, sua beleza ou posses...
Ao mar são indiferentes sua filosofia, o seu credo...
Só fará diferença a quem você se apegou
Durante sua epopéica viagem
E a quem você recorre na hora da sua morte...
Amém...!

O Príncipe da Luz

O homem é um ponto de interrogação
Era para ser o de referência
Cheio de dúvidas no coração
Tirando-lhe o brilho e a eterna vivência.

A gente não sabe se é drama ou comédia,
Sempre perdemos na guerra ou na paz,
Cavalgamos montados em fúrias, tragédias.
Navegamos no nada e voltamos ao cais.

A gente não sabe se é morte ou vida,
Sempre ganhamos o inferno e o céu
Ao embriagarmos causamos feridas,
Se abstermos curtimos o fel.

E na velha batalha entre o mal e o bem,
sabemos que o bem prevalecerá:
Pois esta resposta na alma já vem,
Basta bater que a porta abrirá.

A gente não sabe se é dor ou alívio,
Sempre trocamos por ódio o amor,
Ao discordarmos negamos convívios
E se concordarmos aceita-se a dor

A gente não sabe se é certo ou errado,
Sempre queremos sorrir e chorar,
Vertem-se as lágrimas cala-se o brado,
Se abirmos o riso ninguém vai calar.

És a clara evidência de todo mistério
E Te basta um sinal para o mar acalmar,
Prostrarão a Teus pés todo reino e império
E Contigo os humildes irão habitar

A velha batalha entre o mal e o bem,
Sempre nos deixa um rastro de luz,
Se não temos respostas clamamos por quem?
Basta chamar por Teu nome: Jesus.

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA.

Santa Maria, Maria Santa,
Maria mulher, Maria das dores.

Das flores, Maria mãe...

Maria de tantos, Maria dos cantos
E Maria é José...

Maria boêmia, Maria Madalena, Maria do altar,
Maria da Prenda, Maria das tendas
Maria do bar.

Maria dos louvores, Maria dos amores,
Maria explorada...
Maria Celeste, Maria da vida.
Maria da lida em infindas madrugadas.
Maria sem pecado concebida,
Essa é coroada e a outra é comida.

Maria ou Maria?
Da qual mais se distancia,
Se com uma você peca
E para outra rezaria?...

Marcas do tempo.

Hoje, peço para que o tempo
Dê um tempo...
Passe bem devagar...

Já não percebo o arco-íris
Que um dia eu quis pular,
Nem as estrelas que ousei contar.
A lua ainda está lá, prateando a noite,
Exibindo São Jorge - Matando um de meus dragões.
As nuvens continuam mudando de formas
E eu não mais desejo pegá-las,
Como se de algodão-doce fossem.
Os pingos de chuva, sutilmente
Estalando em meu rosto
Como beijos de Liberdade,
Remetiam-me ao êxtase -
Hoje, apenas incomodam minha estúpida rotina

.
O pôr-do-sol, nem por acaso vejo,
Às vezes de lampejo, apenas de lampejo.

- É o crepúsculo da sanidade!!!

Hoje, sou um calendário
De inúmeros números
Circundados à tinta.
Um calendário que me mostra
Que a idade avança...
E que preciso de um tempo, meu Deus!
Para amar meus amores,
Curtir os sabores das coisas mais sagradas
Que, sem pudores, em andores
Tão altos, distantes, blindados,
Eu mesmo as coloquei.

PROFECIAS

E ela virá: na negritude da noite ou num clarão de um dia de tórrido sol.
Ela virá lenta como a tortura, sucumbindo com tortas existências,
Emergindo o desespero e a ânsia da sobrevivência.
Virá rasgando relevos pelas entranhas da terra
Ou por vendavais arrasadores, formados pelo mormaço e pela gélida fúria do reino de Netuno.
Ela já se manifesta nas suas entrelinhas, o primeiro e o terceiro mundo a conhecem:
Da hanseníase à AIDS, dos aríetes às armas atômicas.

De alfa a ômega ela virá rastejante, paciente...

Sons agudos de trombetas, vozes proféticas, escrituras, fenômenos estranhos...
Ninguém a ouve, lê ou vê.
Ela só será sentida no desatino e no ranger de dentes.

“Tu és ridículo homem, diante de tuas ridículas obras! O que crias te cativa!”.

Finalmente ela virá como carta de alforria, libertando os justos.
Mas, ai de ti verme chauvinista!
Que faz do hoje teu éden de luxúria e oportunismo, ela será tua execução:
Tu que te fartas com a fome alheia,
Que promoves o comércio de armas,
Que castras a divina fertilidade de Fauna e de Flora,
Que te acovardas diante da humilde súplica de apenas existir.

“És tão insensato homem”!

E ela está vindo dando vivas aos humildes!
Circundada de anjos, ou quem sabe por ETs?
Antes que aciones a tecla da desesperança,
Antes que teu planeta apodreça e exale o mau cheiro de um suicídio coletivo,
Porque tu, ínfima criatura, já o tornaste vulnerável e doente.
E teu planeta, incrédulo, não se distingue de um paiol ou de um barril de pólvora,
Mas não o deixe explodir _ "sua besta"!
Não suportarás o fardo de vê-lo intitulado:
“A eterna vergonha do cosmo”!

**AS PROFUNDEZAS DO SUL .
(ONDE MORA A MORTE)**

*A morte está no norte,
No magnético norte
E a vida é um hipomóvel de raça,
Rápido, imantado.
Cavalgamos sonhos, antíteses,
Saltamos óbices
Rumo ao sul do norte, mais ao sul do norte...
Fugindo, evitando a morte
Num corte
Profundo... azul.
E quanto mais avesso à morte
Mais profundo, mais azul,
Torna-se o corte,
Mais se busca o sul do norte
Mais e mais se chega
Ao magnético norte do sul,
Onde num golpe de sorte
Cavalgo lento
Evitando o precoce norte,
Pois o norte é a morte
É a profundidade do sul.*

OFERTÓRIO.

Senhor eu queria ofertar-te meu dia
E vivê-lo melhor
Eu queria, Senhor ofertar-te um amor,
Um amor bem maior,
Bem maior que a alegria que me dás todo dia,
Quando eu clamo por Ti.
Ó meu Deus agradeço tudo que não mereço
E me dás mesmo assim:
O amor infinito, a paz que acredito
Que Tu velas por mim.

Não existe, Senhor maior prova de amor
Do que dar Tua vida.
Redimiste este mundo, com amor tão profundo,
Mais que Tuas feridas.
Este Teu sofrimento, lindo ensinamento
Transformou nossas vidas,
Transformou o meu mundo e a cada segundo
Quero tê-lo comigo
E curtir Teu carinho e dizer-Te baixinho
Ó Jesus meu amigo.

COVARDIA

Se eu pudesse, como a brisa, ter o dom das carícias,
Testemunhar, como a lua, as traições sem notícias,

Se eu pudesse, num desabafo, chorar como a chuva
E fazer, como o vento, a próxima curva,
Se eu pudesse, eternamente como o mar, embalar a quem amo
Dizer no piscar das estrelas que a todo momento te chamo.

Se eu tivesse a grandeza do sol, para dizer que existo,
A firmeza da rocha e mostrar que resisto,
A velocidade da luz, para fugir da indiferença,
O breu da noite escura, para marcar minha ausência.

Se eu pudesse, com o relâmpago, dizer o que mais desejo,
Adoçar com o néctar o amargo sabor do meu beijo,
Se eu pudesse fazer do trovão o emissor do meu tímido grito,
Eu não temeria o amor, nem seus blefes infinitos.

Eu, você e a noite.

Quando a noite exhibe uma única estrela,
Prova que posso também só gostar de você.
Enciumada a noite só quer escondê-la,
Mas o seu brilho meus olhos não deixam de ver.

E quando a penumbra da noite sugere um encontro,
Imploro seu corpo ardente seus beijos de amor
Fazemos da noite a mais linda, a mais nua, a mais quente,
Desprovida de perda de tempo, de traumas e dor.

E é assim que lhe vejo, meu amor,
Pelas noites desfilando no meu céu.
Seu olhar ofusca o brilho das estrelas
E a lua não possui todo seu mel.

E é assim que a noite morre de ciúme,
Nasce o lume da manhã e o seu calor
E a lua convencida já se apronta,
Para mais tarde enfeitar o nosso amor.

Ó lua enfeita o nosso amor...

Crepúsculo de um grande amor.

Se o nosso amor entardecer
Nossas noites não vão suportar
E será tão triste o amanhecer,
Pois outro amor assim não mais verá.

E serão tão tristes as canções
Que embalaram nosso caminhar,
Onde havia sonhos e emoções
Corações vazios vão estar.

Em cada alvorecer a solidão
A luz de tanto amor vai apagar
Surgirá por fim a escuridão
Tão frios nossos dias vão ficar.

Vida minha, minha inspiração!
Vem meus dias frios aquecer,
Vem compor comigo essa canção
E momentos lindos reviver.

Insensatez.

Quando digo prá você
Da importância de um carinho,
Quis dizer para você:
Ninguém vive tão sozinho.
Não consigo compreender
Por que tanta insensatez.
Como convencer você
Que te amo,
Que te quero outra vez...

Volta,
Traz prá mim seu coração
É ruim a solidão
Temos muito o que viver...

Olha,
Por que tanta insensatez?
Volte logo de uma vez,
Eu não vivo sem você...
Eu preciso de você.

Versos incidentes:

"A razão dessa canção que lhe clama por carinho,
Para um triste coração, a beirar o desalinho,
É pedir-lhe atenção e mostrar-lhe que existe,
É pedir-lhe compreensão, pois de você jamais desiste.
A razão dessa canção que a sensatez lhe clama
É dizer que a solidão não mantém acesa a chama,
Arrefece o coração e a alegria de quem ama."

Nem tudo que reluz é ouro. (Mas reluz!).

Venci as correntezas de um mar de ilusão,
Quando minha tristeza se transformou em solidão
Parei e mirei as estrelas que haviam no céu,
Cada qual mais brilhante emitindo seus “flashes” de luz,
Percebi sem domar as abelhas não se tem o mel
E que o ouro encoberto, na certa, também não reluz.

Vem princesa! Não faça esse barco encalhar.
Essa vida é tão bonita e o barco até levita,
Quando se quer navegar.

Alegria é um grande amor encontrar!
Não sou ouro que lumia,
Mas num passe de magia
Seu amor me faz brilhar.

Desamor.

Tão grande amor
Eu amarguei
Falsos carinhos tão mesquinhos
Eu aturei.

Em você investi o melhor dos meus dias
As noites, minha liberdade.
Julguei que ganhava e perdi
Sofria com a tal falsidade.

Tão grande amor
Eu amarguei
Falsos carinhos tão mesquinhos
Eu aturei.

Hoje me perco me ganho pelas madrugadas,
O aguardente que queima tem melhor sabor,
Que aqueles seus beijos sem jeitos, tão feitos de nada!
Nem a cachaça amarga mais que o desamor.

Tão grande amor
Eu amarguei
Falsos carinhos tão mesquinhos
Eu aturei.

O tempo desgastou aquele amor
E judiou demais
Mas ele é senhor
A mágoa estancou
E devolveu-me a paz.

Vá embora
Dê o fora da minha vida e me deixa viver.
Não me olha, não amola,
Hoje sou eu quem não quero você.

Tão grande amor
Eu amarguei
Falsos carinhos tão mesquinhos
Eu aturei.

Arreponder.

Tudo que eu quis tive na hora
Tudo que pedi você me deu
Todos meus querereres nessa hora
Querem novamente os beijos teus.

Mas não percebi meu egoísmo,
Sempre te tratei como bem quis
Esqueci de dar-te o paraíso
Sofro com a loucura que eu fiz.

Olha amor, eu aprendi
Vem e traz contigo o meu perdão,
Por favor, não faz assim,
Não suporto mais a solidão.

Tudo o que pedires te darei
O céu, o mar e a rima dos meus versos,
Tudo o que pedires eu serei
Seu homem dono do teu universo.

Tudo meu amor que quero agora
É tê-la de volta para mim
Sem você o meu coração chora,
Se você meu mundo é mesmo assim...

Jesus.

Os Teus desígnios orientam meus arbítrios,
Tua vontade é por fim meu ideal,
Tuas palavras são de lindo ensinamento
E o Teu Amor é que me torna imortal.

Teu sofrimento redimiu-nos do pecado
E nos trouxe enfim a Bem-Aventura,
E o Teu imenso Amor por nós foi consagrado
E se espalhou na Terra em Luz e em esperança.

O que ensinaste há de ser bem praticado
E o Teu exemplo está aí pra ser seguido
E aquele que O seguir estará fadado
A viver o Amor que nunca foi vivido.

Em Tuas mãos eu me agarro e caminho
Do Teu olhar eu suplico compaixão
Tua presença jamais me deixou sozinho
E assim Te amo de todo meu coração.

Um cadiquim só docê. (Gastando o Mineirês.)

Meu arrois, feijão, cum angu e cove;
Minha rapa da panela di mingau firvido,
A causa trigueira que meu mundo move,
O tar di nunca inhantes puraqui coído;
O docim que garra na cuié di pau;
Cocerinha boa di bichim di pé;
Felicidade minha qui num há ingual;
Fiel companheira, amiga de fé,
Capim vassorinha pru meu mastigá;
A painha fina do meu fumo de rô;
Pura inspiração do meu versejar,
Qui depois que a vi nunca mais secô.

É o trem mais bão, o meu doce veneno,
Luz da lua cheia, causo di amô ;
O engrandecê do meu mundo pequeno,
A mais linda istrela qui o céu catô;
O briar das fôias, pinguim de sereno,
Cherim da primeira cuada de café;
Cada dia a mais, mais vou ti quereno,
Faz os meus dias lindos, doce de muié;

Meu torrão moiado, meu solo fecundo;
Passarim alegre e gorjeadô,
Luz dos lampiões, lume do meu mundo,
O cheiro mais gostoso da mais pura frô.

O rangê saudoso di todas as porteiras,
O cantar das rodas do carru de boi,
O barui das quedas lá das cachueiras...
A saudade boa di tudu qui foi.

Meu torreminho seco, prontim prá cumê,
Pinga guardadinha bem dibá da pia
Tudu quié di bão qui eu quero tê
I coiê prá sempre, no finzim du dia.

Armagedom.

Eu sou o entardecer das criaturas,
O alvorecer das ditaduras
E o pesadelo dos galãs.
Eu sou o tumor dos organismos,
O pressuposto de um abismo
E a mancha podre das maçãs.

Eu sou o crepúsculo dos sonhos,
Dos sinais, o mais medonho,
A incerteza do amanhã.
Eu sou o maior medo dos amantes,
O cintilar dos diamantes,
Dos incautos o afã.

Eu sou a noite cálida, a noite fera,
Como a esfinge que te espera
Paciente e guardiã.
Eu sou a fome indômita do mundo,
Sou teu descaso mais profundo,
Teu café dissimulado da manhã.

Eu sou o desamor em carne e osso,
Eu sou carne de pescoço
Sou da fruta o caroço
A mola exposta do divã.

Afasta-te de mim
De perdoar não tenho o dom.
Eu sou o teu adversário,
Ocorro em ti a toda hora,
Eu sou o teu Armagedom.

Triunfo.

(Meu preito à Sun Tzu.)

"Todo guerreiro confia na sua armadura, na sua formação militar e na sua capacidade de, eficientemente, silenciar o inimigo. Mas sempre haverá um mínimo de imperfeição, tanto de um lado, quanto do outro. Nas armaduras, o desconforto, no guerreiro, os instintos e sentimentos nefastos.

Vence essa batalha quem não se negligencia a basear-se na plena certeza do triunfo . Uma guerra se ganha aos poucos, diminuindo-se a vulnerabilidade e aumentando-se a prudência, tornando as armaduras leves e anatômicas ao dotar de humildade as estratégias."

A dor maior.

“A existência humana está eivada de contextos cingidos e tingidos pelas seivas amargas da traição. O Cristo, montado no dorso de um jumento, trazendo nas mãos um ramo, sob efusivos aplausos de um povo em festa, adentra triunfal em Jerusalém e, mais adiante, o mesmo povo, que calorosamente recebe o Rabi, implacavelmente, escolherá Barrabás.

As dores de uma traição não figuram essencialmente nos seus nefastos efeitos, mas no tardio fato de se saber de quem e o porquê dos tão gratuitos e inconcebíveis beijos.”

Incoerência fatal.

"Tuas escolhas são apenas uma parte da tua tradução, a outra é se nelas investes.

Sonhos, desejos e todos os sentimentos serão em vão se teus discursos os exaltam e tuas práticas, sobejamente, os relegam."

Ensaio de almas.

Almas rumam ao ensejo
Guiadas pelo desejo
Só nos encontros saciadas.

Rumam almas ao improvável,
Desprezando o razoável,
Qual estouro de manadas.

Almas rumam para os ninhos,
Cientes dos desalinhos,
Se buscam apaixonadas.

Rumam almas ao léu,
Rasgando o tênue véu
Que separa o tudo do nada.

Almas rumam salientes,
De rumo certo carentes,
Pelas desditas visadas.

Rumam almas aos prantos,
Se entregando aos encantos
Dos cantos das madrugadas.

Almas rumam ao Além,
Eis que lá pelo menos ninguém
As julgarão desalmadas.

Vigiai-nos, ó Mãe.

Ao volver a vós meu olhar suplicante,
Tomai-o, ó Mãe, como o olhar suplicante do mundo.
O que suplicam os meus olhos sofridos, errantes,
É o olhar diligente de vós, ó amor de teor mais profundo.

O que suplica, ó Mãe, o meu ávido olhar
É vossa benção a nos ungir de esperança
É pedir-vos, ó Mãe, que venhais cuidar
Desse mundo carente, descrente, ainda criança.

Pedimos, ó Mãe do Amor Infinito,
Vossa intercessão quando não vigiamos,
Quando nos encontramos dispersos, aflitos,
O vosso amor de Mãe vos rogamos.

Ó coração pungente, dentre tantos escolhido!
Ó fidalguia manifesta na Paixão mais contundente,
Ó realeza mantida nos inefáveis doridos,
Ó excelsa Mãe, de coração tão indulgente!

Rejai, ó Mãe, com o vosso olhar a vossa gente.
Dai-nos a coragem e a força que tivestes,
Incutai o vosso amor em nossas mentes,
Ó Mãe dos homens, Mãe das almas, Mãe Celeste!

O fim...

E a lava que era tão cálida encontrou o mar...

E fez um barulho estranho, como a pedir silêncio...

E somam-se ao silêncio os tons gris e negrumes ofuscantes, tão tristes...

E a erupção de tons rubros vivos e salientes, a espargir e contagiar seu entorno era, até então, tudo maravilha... Até... Até encontrar as águas frígidas do mar...

E o mar se levanta e invade o vulcão e o submerge calando-o, adormecendo-o no seu deprimente berço abissal por mais uma era ou mais uns instantes...

E o mar com suas águas salmouras inundam e salgam o renitente vulcão como a ostentar, com suas ondas imensas, impiedosas e constantes, a sua irritante supremacia e que ao se quebrarem nas orlas dos sonhos, emergem a amarga realidade de que - o que era doce se acabou...

Iriante.

Quero livrar-me das tensões extasiantes,
Contaminar-me com tua febre estimulante,
Viver a vida sem julgar-me vil errante.
Quero fazer dos teus afagos meu calmante,
Depois sorver tua volúpia inebriante,
Quero emperrar os ponteiros dos instantes
E sem afã, com avidez, seguir a diante.

Quero causar-te arrepios com carinhos incessantes
Dizer-te coisas com palavras elegantes
Em tons e sons pelo dom dado aos infantes
E provar-te o que o meu amor garante,
Que eu sempre te serei melhor que antes.

Por ti polido sou teu brilho diamante
A clarear os teus relevos provocantes
Vou me embrenhar nos teus caminhos fascinantes
E ter a lua alcoviteira e minguante
A dizer que sou o teu homem galante
E que serei por fim o teu melhor amante.

LUARIZAR.

O luar prateando tua pele
Molda em luz
Os contornos que fascinam os meus olhos
E o desejo se revela em nossos corpos
Nosso suor inexplicável cheiro exala,
Na pelúcia do tapete que na sala
Esquenta enquanto nossos corpos se embalam.

Um suspiro de prazer por vez ecoa,
Numa penumbra oportuna e natural,
Anunciando que a delícia do momento
Transformará a tristeza em carnaval.

Nossos corpos se confortam num descanso
De quem foi ao infinito e voltou
E em nossos olhos desfilam serpentinas
De todos os brilhos, tamanho e toda cor.

E o seu corpo reflete a luz da lua tonta
Que paciente e incansável já se apronta,
Para outra noite pratear o nosso amor.

Pré sal.

Nos inacessíveis confins da sua mente fervilham respostas. Neles, poeiras cósmicas de lembranças remotas criam a incessante tempestade cerebral, e um intransponível muro, chapiscado com seus instintos, que o impede de alcançar o máximo de seus saberes.

Nas abissais profundezas terrenas repousam os tesouros mundanos e além das barreiras de contenção de suas, ainda, pobres mentes encontra-se o verdadeiro legado de Deus, a sabedoria, o que o liberta de si mesmo e o torna o novo ser, o ser total.

Sou a tua opção.

Sou-te a prece e o xingamento,
Teu alento e teu penar,
Sou-te o inferno e o firmamento
E teu provento a minguar.

Sou-te a paz e o sofrimento,
Teu lamento e teu cantar,
Sou-te o não consentimento,
Teu pensamento a vigiar.

Sou-te asas e clausuras,
Teu deserto e teu mar,
Sou teu sal, tua doçura,
O teu calor e o teu gear.

Sou-te a mais profunda dor
E teu prazer mais delirante,
O avesso do amor
Sou-te o astro mais errante.

Sou-te a sentença mais cruel
E posso ser o teu afago,
Teu amante mais fiel,
Teu chocolate mais amargo.

Sou-te o pecado e a lisura,
A culpa e o perdão,
A chaga e a cura,
O silêncio e a canção.

Sou-te o "rock" e o "blues"
O teu não e o teu sim
Tuas compras, tua cruz
Teu começo e teu fim.

Sou-te enfim, a dualidade
Cabe a ti o discernir:
De que vale a liberdade
Com vontade de fugir?

Por todo éden vais vagar

A buscar a solução
Podes crer, vais encontrar:
Sou a tua opção!!!
Apreste-te em não tornar
Tão tardia a decisão!

Espero-te, te espero...
E pode ser que espere não...

De tanto querer!

Tantas foram as horas
De ansiedade e demoras
De brutal solidão!
Tantos foram os prantos,
Chorados pelos cantos,
Em busca de explicação.

Quantas noites de sono
Entregue ao abandono
Acordado resisti.
Quantas cenas exibidas,
Por minha mente perdida,
Desalmado feito Zumbi.

Quanto tempo perdido,
Desperdiçado, sofrido,
Clamando por um sim.
Quantas expectativas
Deixavam-me à deriva
Rumo a um vazio sem fim.

Quantas auroras desperto
Sem mesmo saber ao certo
De qual das noites eu vim.

E os dias me eram azedumes,
Sombrios feitos tapumes,
Vazios como o sertão.
Valeu-me a persistência,
A fé e a paciência
Pedidos por meu coração.
A vida para mim sorriu,
O céu em brumas se abriu
E a tenho desde então.

Hoje são beijos que estalam
Em sussurros que se calam
E meu coração é feliz.
Hoje meus risos não param
Hoje esses beijos me saram
De toda loucura que fiz.

Poesia na era digital (kkkkk)

Ei!

O teu sorriso me faz rir
Sou sem sinal longe de ti
Fora de área sem você.

Ei!

Deixe-me então uma mensagem
Mas que não seja sacanagem
E pode ser com tua imagem
Para eu salvar no coração

Ei!

Vou acessar-te a qualquer hora,
Minha Esplêndida Senhora
O jeito é te escanear,
Te "salvar como" a melhor coisa que tenho.
Anexar-te a mim
Sem precisar usar
Qualquer tipo de senha

Ei!

Faço "download" de você
Mas não consigo te abrir
Que porra de computador!!!

Ei!

Só sei e quero te curtir
Compartilhar de jeito algum
Tenho uma pasta especial
Que só tem coisas de você.

Ei!

Não pense que eu desisti
Vou digitar seu nome aqui
E vou clicar em "procurar".

Ei!

Perdoe minha conexão
Não há mais ficha a cair
Vou invadir o teu mural
Na tua página principal
Eu vou encher-te de mensagens

Vou ser teu vírus virtual.

Ei!

Eu quero ler teu conteúdo
E te explorar, saber de tudo,
Porém jamais vou te arquivar.
Você sempre estará
Na minha “área de trabalho”
Com um especial atalho
Para ninguém nos perturbar.

Ei!

Aquilo que sinto por ti
Já quer passar de “terabyte”
E não se hospeda em qualquer “site”
É maior que tudo que vivi.

Ei!

Se caso você me excluir
Não esvazie a lixeira
Nunca cometa essa besteira
Pois sempre há como restaurar.

Ei!

Você é o meu arquivo oculto
Eu quis te dar outro atributo
Tudo depende de você.

Ei!

Venha clicar o meu “Setup”
Para que eu inicie um “backup”!
E não corra risco em te perder. (rsrsrs)

Ei!

Já quis até te deletar,
Porém, jamais vou conseguir,
Então eu vou te copiar
E te colar todinha em mim.

Fim